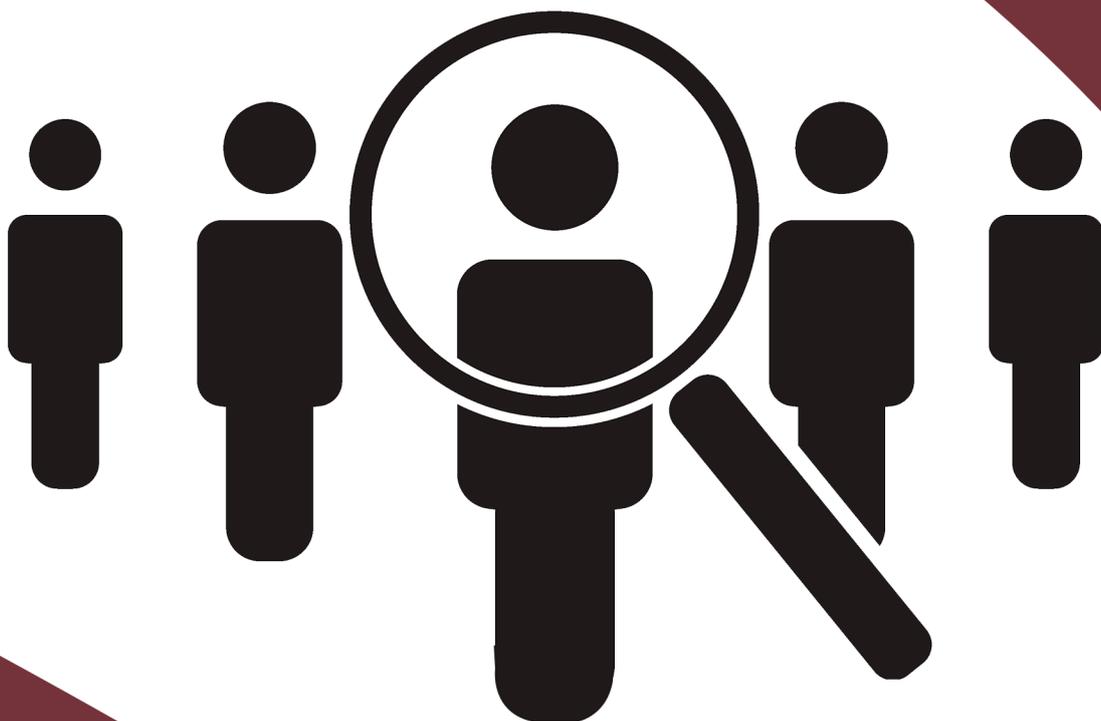


Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

Investigação Científica nas Ciências Sociais Aplicadas 4



Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

Investigação Científica nas Ciências Sociais Aplicadas 4



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
162	<p>Investigação científica nas ciências sociais aplicadas 4 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Sociais Aplicadas; v. 4)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-81740-35-1 DOI 10.22533/at.ed.991192312</p> <p>1. Ciências sociais. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300.72</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os pensadores que realizaram as primeiras investidas efetivas no campo dos estudos sociológicos em fins do século retrasado, nomes como Marx e Durkheim, ocuparam-se de pintar com uma paleta científica paisagens até então dominadas pelas cores planas e pouco variadas do senso comum, do pensamento religioso e de uma ampla cadeia de preconceitos. Para estes pensadores, o desafio era desenvolver regras gerais e algo semelhante a uma física para uma matéria prima aparentemente tão amorfa e envolta em tabus quanto o complexo emaranhado de relações estabelecidas no seio das aglomerações humanas.

A afirmação de que, em relação a outros campos de conhecimento, as Ciências Sociais são jovens, já se converteu em uma máxima confortável, demasiado utilizada. Por um lado, é certo que o interesse por observar os fenômenos sociais à luz do método científico se articulou concretamente entre os séculos XIX e XX, mas estes fenômenos já haviam sido estudados, ainda que em menor escala, mediados por outros filtros.

Talvez em razão disso, as Ciências Sociais se debatam, na economia simbólica do cotidiano, com lutas ainda mais ferozes que outros saberes mais estabelecidos. Há quem questione a forma do planeta, o nível de participação humana no aquecimento global ou a efetividade das vacinas, especialmente nos dias em que vivemos, quando a negação da validade do conhecimento de ordem científica cresce a olhos vistos. Entretanto, a rejeição em relação aos conhecimentos que a Física, a Geografia e a Biologia têm a oferecer ainda é pequena em comparação àqueles que emanam das Ciências Sociais e de sua área irmã, as Humanidades.

São realmente muitos os tabus envoltos na vida em sociedade, dado o volume de tópicos fundamentais à vida em sociedade que são considerados por vezes imperscrutáveis. A religião. O gênero. As dinâmicas de classes. As relações econômicas como um todo. O significado de determinados papéis sociais enquanto lugares de prestígio ou de repulsa. Tudo isso concerne às Ciências Sociais. Tudo isso é problemático, subjetivo e indiscutível para quem vê a realidade através das lentes de preconceitos que sequer compreende como surgiram e funcionam. Cabe, deste modo, aos estudos aqui apresentados, a tarefa de cometer esse delito social, discutindo o indiscutível.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TRABALHO INTERDISCIPLINAR NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA: UM DESAFIO A SER SUPERADO	
Erotilde Mendes Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9911923121	
CAPÍTULO 2	15
CURRÍCULO INTERCULTURAL, INSERÇÃO SOCIAL E PRÁTICAS DE INCLUSÃO: PERCEPÇÃO DO DOCENTE INDÍGENA SOBRE O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)	
Catarina Janira Padilha Leila Soares de Souza Perussolo	
DOI 10.22533/at.ed.9911923122	
CAPÍTULO 3	28
A NECESSIDADE DO ESTUDO DO EMPREENDEDORISMO NO ENSINO MÉDIO	
Jordana Franke Guerreiro Diogo Daniel Marques Drum Malu Napp dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9911923123	
CAPÍTULO 4	41
CONTRIBUIÇÕES DO USO DA METODOLOGIA ATIVA DE ENSINO-APRENDIZAGEM <i>CHALLENGE BASED LEARNING</i> NO CURSO TÉCNICO EM MANUTENÇÃO AUTOMOTIVA	
Bruno Silva Costa Queila Pahim da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9911923124	
CAPÍTULO 5	54
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA VIA RÁDIO E REDES SOCIAIS COMO FOMENTADORA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	
Jéssica Alves da Motta Danielle Rosa Nascimento Ana Júlia Teixeira Senna Sarmiento Barata	
DOI 10.22533/at.ed.9911923125	
CAPÍTULO 6	62
O USO DA PESQUISA-AÇÃO NA AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DAS EMPRESAS INCUBADAS EM UMA INCUBADORA DE BASE TECNOLÓGICA DO SUL DO BRASIL	
Émerson Oliveira Rizzatti Roseclair Lacerda Barroso Sebastião Ailton da Rosa Cerqueira-Adão	
DOI 10.22533/at.ed.9911923126	

CAPÍTULO 7	83
SISTEMA TUTOR INTELIGENTE PARA AUXILIAR CRIANÇAS EM PROBLEMAS COM OPERAÇÕES ARITMÉTICAS DE ADIÇÃO	
Danilo Rodrigo Cavalcante Bandeira Diego Silveira Costa do Nascimento Anne Magaly de Paula Canuto	
DOI 10.22533/at.ed.9911923127	
CAPÍTULO 8	94
UNIVERSIDADES CORPORATIVAS: UMA REFLEXÃO SOB A ÓTICA DA TEORIA DA APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL	
Gislaine Dias Ana Cláudia de Oliveira Ré	
DOI 10.22533/at.ed.9911923128	
CAPÍTULO 9	105
ESTUDO ESTÉTICO SOBRE O CÔMICO E A IDEIA DO VAZIO	
Claryssa Suemi Oyama	
DOI 10.22533/at.ed.9911923129	
CAPÍTULO 10	117
BASE DE DADOS ELABORADA NUMA PLATAFORMA S.I.G. E DIRECIONADA PARA APLICAÇÕES EM “SMART CAMPUS”	
Fernando Rodrigues Lima Marcos Vinícius Silva Maia Santos Maria Lívia Real de Almeida Raphael Corrêa de Souza Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.99119231210	
CAPÍTULO 11	133
CONTRIBUIÇÕES DO BISPO JOSÉ JOAQUIM DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO (1743-1821) AO PENSAMENTO ECONÔMICO NO BRASIL	
Rosalina Lima Izepão	
DOI 10.22533/at.ed.99119231211	
CAPÍTULO 12	146
CENTRO HISTÓRICO DE ARACAJU: LUGAR DE PERTENCIMENTO DO POVO ARACAJUANO	
Itala Margareth Ranyol Aben-Athar Aline Andrade Santos Lício Valério Lima Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.99119231212	
CAPÍTULO 13	158
ESPAÇO TURÍSTICO DO CENTRO HISTÓRICO DE PENEDO-AL: BERÇO DA CULTURA ALAGOANA	
Aline Andrade Santos Itala Margareth Ranyol Aben-Athar Lício Valério Lima Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.99119231213	

CAPÍTULO 14	171
MODELO DE FLUXOS MÚLTIPLOS: ATORES E FATORES INFLUENTES DA POLÍTICA PÚBLICA DE TURISMO DA BELÉM AMAZÔNICA	
Vânia Lúcia Quadros Nascimento	
Felipe da Silva Gonçalves	
Helena Doris de Almeida Barbosa	
Diana Priscila Sá Alberto	
DOI 10.22533/at.ed.99119231214	
CAPÍTULO 15	184
O LAZER E O TURISMO DE SAÚDE: A EXPERIÊNCIA NA CASA RONALD MCDONALD – BELÉM/PA	
Helena Doris de Almeida Barbosa	
Vinícius Silva Caldas	
Maria do Socorro Maciel Castro	
Daiany Clay Flexa Santos	
DOI 10.22533/at.ed.99119231215	
CAPÍTULO 16	196
PLANEJAMENTO MUNICIPAL E TURISMO: A EXPERIÊNCIA DO MUNICÍPIO DE BARCARENA (PA)	
Evelyn Cristina Castro Barros	
Vânia Lúcia Quadros Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.99119231216	
CAPÍTULO 17	209
CULTURA E VIDA: O SUICÍDIO INDÍGENA EM MUNICÍPIOS DE FRONTEIRA DO ESTADO DO AMAZONAS	
Izaura Rodrigues Nascimento	
José Vicente de Souza Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.99119231217	
CAPÍTULO 18	222
EMPREENDEDORISMO, INDÚSTRIA CRIATIVA E ECONOMIA CRIATIVA: UMA EVOLUÇÃO CONCEITUAL	
Audemir Leuzinger de Queiroz	
Celia Lima Paradela	
DOI 10.22533/at.ed.99119231218	
CAPÍTULO 19	237
ANÁLISE DOS FATORES CRÍTICOS DE SUCESSO EM INCUBADORAS INSTALADAS NO RIO GRANDE DO SUL	
Émerson Oliveira Rizzatti	
Vitor Rodrigues Almada	
Émerson Oliveira Rizzatti	
Thiago Eliandro de Oliveira Gomes	
Daniel Gomes Mesquita	
Debora Nayar Hoff	
DOI 10.22533/at.ed.99119231219	

CAPÍTULO 20	247
REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE AS COMPETÊNCIAS COMPORTAMENTAIS DO EMPREENDEDOR	
Thiago Eliandro de Oliveira Gomes Émerson Oliveira Rizzatti Vitor Rodrigues Almada Darlen de Oliveira Almirão	
DOI 10.22533/at.ed.99119231220	
CAPÍTULO 21	259
PARQUES TECNOLÓGICOS: AMBIENTES DE INOVAÇÃO	
Carlos Henrique Lucena	
DOI 10.22533/at.ed.99119231221	
CAPÍTULO 22	271
TRANSPORTE ALTERNATIVO NO RIO DE JANEIRO: UMA ESTRATÉGIA DE CONTORNAMENTO TERRITORIAL	
Leonardo Oliveira Muniz da Silva Giovani Manso Ávila	
DOI 10.22533/at.ed.99119231222	
CAPÍTULO 23	284
VIABILIDAD SOCIAL Y ECONÓMICA DE LA REACTIVACIÓN DEL SERVICIO FERROVIARIO ROSARIO-CAÑADA DE GÓMEZ (ARG)	
Leonel Raúl Swistoniuk	
DOI 10.22533/at.ed.99119231223	
CAPÍTULO 24	296
A OPERAÇÃO LAVA JATO E OS ESCÂNDALOS MUDIÁTICOS LAVA JATO AND MEDIA SCANDALS	
Rafael D'Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.99119231224	
CAPÍTULO 25	314
IMPACTO DAS MÍDIAS SOCIAIS NO FORTALECIMENTO DO CRIME ORGANIZADO	
Maxwell Marques Mesquita Guilherme José Sette Júnior Lilian Barbosa Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.99119231225	
CAPÍTULO 26	325
O LO-FI E A PRODUÇÃO DE SIGNOS EM UMA SOCIEDADE EM REDE	
Lucas Peluffo dos Santos Portilho César André Luiz Beras	
DOI 10.22533/at.ed.99119231226	

CAPÍTULO 27	333
O SACRIFÍCIO E A PERDA COMO FATORES RELEVANTES NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NOS JOGOS DIGITAIS: UM OUTRO OLHAR À JORNADA DO HERÓI	
Júlio César da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.99119231227	
CAPÍTULO 28	346
MEDIAÇÃO E APROPRIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO: PARA UMA COMPREENSÃO ALÉM DOS ELEMENTOS EXPLÍCITOS DO TEXTO	
Ellen Valotta Elias Borges	
Mariana Rodrigues Gomes de Mello	
Lucilene Cordeiro da Silva Messias	
DOI 10.22533/at.ed.99119231228	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	360
ÍNDICE REMISSIVO	361

ESTUDO ESTÉTICO SOBRE O CÔMICO E A IDEIA DO VAZIO

Data de aceite: 19/11/2019

Claryssa Suemi Oyama

Pontifícia Universidade Católica; Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes
São Paulo, SP

RESUMO: O presente trabalho é uma reflexão acerca do cômico levantando-se hipóteses para tal, principalmente sobre a perspectiva do grotesco. Percebeu-se que não há uma explicação peremptória que suponha os motivos do riso e, para tanto, baseando-se em filósofos como Kant, em *Crítica da faculdade do Juízo*; Schopenhauer, em *O mundo como vontade e representação*; e Sartre, em *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*, elaborou-se, como um diferencial nesta pesquisa, um conjunto de reflexões relacionadas ao ato de imaginar o que se ri. Com o apoio em Vladimir Propp, elaborou-se várias situações em que o cômico é percebido, culminando predominantemente na ideia do vazio.

PALAVRAS-CHAVE: cômico, Filosofia, Estética

AESTHETIC STUDY ABOUT THE COMIC AND THE IDEA OF THE HOLLOW

ABSTRACT: The current work is a reflexion about the comic, raising hypothesis for that, mostly by

the grotesque's perspective. It is known that there are not peremptory explanations which suppose the laughter's motive, and for that it is grounded on philosophers as Kant, in *Critique of Judgment*; Schopenhauer, in *The World as Will and Representation*; and Sartre, in *Being and Nothingness*, it has yielded, as a differential in this research, a set of reflexions related to the imagination act while somebody laughs at. Providing support from Vladimir Propp, it has figured many situations that the comic is realized, culminating on the idea of the hollow.

KEYWORDS: comic, Philosophy, Aesthetics

É inegável que tanto Aristóteles quanto Kant faziam oposição entre beleza e riso: em *Poética*, “o cômico é apenas uma parte do feio” (ARISTÓTELES, 2015, p.67) e, mais adiante, “o cômico é um determinado erro e uma vergonha que não causam dor e destruição” (ARISTÓTELES, 2015, p.67); em *Crítica da Faculdade do Juízo*, o cômico estaria associado à parte “menos nobre do gosto” (KANT, 1993, p.180). Sabendo que existe de fato essa oposição, vale-se neste presente texto esmiuçar esta relação e explorar através de outros filósofos, tracejando e ligando, esses dois polos que parecem desconexos fundamentando-se num estudo estético sobre a arte.

Primeiramente, é necessário introduzir uma breve história do riso na humanidade baseado no livro de Vilma Arêas, *Iniciação à comédia*. Os primeiros registros entrelaçando o cômico e a Arte foram localizados na Antiguidade Clássica com Aristófanes (447 a.C. – 385 a. C.). Dentre alguns de seus livros, estão: *As vespas*, *Lisístrata*, *As nuvens* e *As rãs*. Já na época medieval, a Igreja tomou conta da cultura e foi contra a permissividade que a comédia trazia para as pessoas. Por ora, é necessário saber que o cômico estaria associado à queda de Lúcifer e à desobediência de Adão. Já na Renascença, época a ser estudada mais adiante com Bakhtin, houve vários pontos de irradiação da comédia. Primeiro, Espanha e Portugal, que viviam seu século de Ouro nos séculos XVI e XVII, com Lope de Rueda (1510-1565) através das comédias de capa e espada, com finalidade exclusiva de fazer rir. Havia também a comédia romântica: *El perro del hortelano* de Lope de Vega (1562-1635) e *El vergonzoso en palacio* de Tirso de Molina (1579-1648). Nessa mesma época, houve os entremeses de Chevedo (1580-1645) em *La polilla de Madrid* e de Cervantes (1547-1616) com *El retablo de las maravillas*. Na Itália, ficaram famosas a *commedia sostenuta*, erudita e baseada em Pauto e Terêncio e a *commedia dell'arte*, de caráter popular. Na França, Molière (1622-1673) foi grande expoente e, finalmente, na Inglaterra, sabe-se das grandes obras de Shakespeare (1564-1616) durante a época elisabetana. Um século mais tarde, houve, na França, as chamadas *comédie larmoyante* (comédia lacrimajante) de Nivelles de La Chaussée (1692-1754) e, mais tarde, em 1820, os *vaudevilles* de Eugène Scribe (1791-1861).

1 | RELAÇÕES DO RENASCIMENTO E IDADE MÉDIA COM O GROTESCO

Partindo do princípio que se quer ligar Arte e Comédia, é necessário saber quais ligações o feio (ou o grotesco) tem com os fundamentos do riso. Mikhail Bakhtin se baseia no pesquisador alemão Schneegans ao mencionar que

o exagero do negativo (o que não deveria ser) até os limites do impossível e do monstruoso é a propriedade essencial do grotesco. Disso resulta ser este último sempre satírico. Quando não há intenções satíricas, não existe grotesco (BAKHTIN, 2010, p.267).

Bakhtin trata o grotesco como um gosto popular e afirma:

o autor satírico que apenas emprega o humor negativo, coloca-se fora do objeto aludido e opõe-se a ele; isso destrói a integridade do aspecto cômico do mundo, e então o risível (negativo) torna-se um fenômeno particular. Ao contrário, o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem (BAKHTIN, 2010, p.11).

A comunicação que se utiliza da linguagem familiar frequentemente carregada

de grosserias, expressões e palavras injuriosas isola-se no contexto da linguagem, já que são fórmulas fixas do mesmo tipo dos provérbios. As grosserias são, portanto, um gênero verbal particular da linguagem familiar. Sua origem não é advinda da homogeneidade e elas tiveram diversas funções na comunicação primitiva, essencialmente de caráter mágico e encantatório. As bases para o desenvolvimento do sublime a ser estudado mais à frente, através de Kant, podem trazer um importante diálogo na transformação do grotesco no ser humano e se chegar na ideia do belo e do grandioso.

A degradação que entra em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre e dos órgãos genitais está presente na cultura do Renascimento – como analisa Bakhtin, que deu o nome de “realismo grotesco” e de uma “concepção estética da vida prática que caracteriza a cultura e diferencia claramente das culturas dos séculos posteriores (a partir do Classicismo)” (BAKHTIN, 2010, p.16). O “realismo grotesco” não é de todo negativo, pois se é baixo, seria positivo e regenerador e, portanto, ambivalente.

Precipita-se não apenas para o baixo, para o nada, a destruição absoluta, mas também para o baixo produtivo, no qual se realizam a concepção e o renascimento, e onde tudo cresce profusamente. O realismo grotesco não conhece outro baixo; o baixo é a terra que dá a vida, e o seio corporal; o baixo é sempre o começo (BAKHTIN, 2010, p.19).

Muito se pode relacionar a arte com o grotesco e isso está presente inclusive na arte pré-clássica dos gregos e romanos. Não desaparece tampouco na época clássica que se absteve de uma “arte oficial” e desenvolveu-se em

domínios ‘inferiores’ não-canônicos: o das artes plásticas cômicas, sobretudo as miniaturas, como, por exemplo, as estatuetas de terracota (...), as máscaras cômicas, silênios, demônios da fecundidade, estatuetas extremamente populares do disforme Tersites etc.; nas pinturas cômicas dos vasos, por exemplo, figuras de sócias cômicos (Hércules, Ulisses), cenas de comédias etc. e também nos vastos domínios da literatura cômica, relacionada de uma forma ou outra com as festas carnavalescas; no drama satírico, antiga comédia ática, mimos etc. Nos fins da Antiguidade, o tipo de imagem grotesca atravessa uma fase de eclosão e renovação, e abarca quase todas as esferas da arte e da literatura. Aparece então, sob influência preponderante da arte oriental, uma variedade do grotesco. Mas como o pensamento estético e artístico da Antiguidade se desenvolvera no sentido da tradição clássica, não se deu ao tipo de imagem grotesca uma denominação geral e permanente, isto é, um termo especial; tampouco foi reconhecido pela teoria, que lhe atribuiu um sentido preciso (BAKHTIN, 2010, p. 27).

Mais adiante, Bakhtin menciona que, nos séculos XVII e XVIII, enquanto permanecia os ideais clássicos na arte e na literatura, o grotesco ligava-se à cultura cômica popular, resumia-se ao cômico de baixa qualidade e esmiuçava-se na decomposição naturalista.

Outro importante ponto a se ressaltar é a formalização das imagens grotescas

por meio do carnaval, o que passou a ter fins diversos, sempre iluminando a ousadia da invenção, permitindo associar elementos heterogêneos e aproximando o que está distante. Também ajudou a distanciar do ponto de vista dominante sobre o mundo, das convenções, dos elementos banais e habituais. Permitiu, portanto, olhar o universo com “novos olhos, compreender até que ponto é relativo tudo o que existe” (BAKHTIN, 2010, p.30). Dado esse fato, a capacidade interna do ser humano de se utilizar do grotesco para se produzir arte e de mirar uma nova direção fazendo um esforço para abrandar a feiura que se carrega em seu bojo pode estar bem próximo do ideal estético do belo kantiano.

Por exemplo, durante a Idade Média, o riso desenvolvera-se fora da esfera oficial da ideologia e da literatura elevada. “Foi graças a essa existência extraoficial que a cultura do riso se distinguiu por seu radicalismo e sua liberdade excepcionais, por sua implacável lucidez” (BAKHTIN, 2010, p.62). Porém, durante o Renascimento, o riso ganhou um caráter mais radical, universal e alegre. Ele

separou-se das profundezas populares e com a língua ‘vulgar’ penetrou decisivamente no seio da grande literatura e da ideologia ‘superior’, contribuindo assim para a criação de obras de artes mundiais, como *Decameron* de Boccaccio, o livro de Rabelais, o romance de Cervantes, os dramas e comédias de Shakespeare etc. (BAKHTIN, 2010, p.62).

Os fatores dessa mudança foram a adoção das línguas vulgares em relação ao latim até então oficialmente utilizado e o esfacelamento do regime feudal e teocrático. Na Idade Média, o riso ficou alheio ao culto religioso, do cerimonial feudal e estatal, da etiqueta social e de todos os gêneros da ideologia elevada; o tom sério caracterizava a cultura medieval oficial; “o medo, a veneração, a docilidade etc., constituíam por sua vez os tons e matizes dessa seriedade” (BAKHTIN, 2010, p.63). É importante destacar que o cristianismo primitivo (na época antiga) já condenava o riso. Por exemplo, São João Crisóstomo declara que as burlas e o riso não provêm de Deus, e sim são uma emanção do Diabo. Deve-se conservar uma seriedade constante, o arrependimento e a dor, portanto. Mais tarde, autorizaram-se na vida corrente que coexistisse um culto paralelo, de formas e ritos especificamente cômicos. Trata-se sobretudo das “festas dos loucos” (*festa stultorum, fatuorum, fallorum*).

Quase todos os ritos da festa dos loucos são degradações grotescas dos diferentes ritos e símbolos religiosos transpostos para o plano material e corporal: glutoneria e embriaguez sobre o próprio altar, gestos obscenos, desnudamento etc (BAKHTIN, 2010, p.64).

Mais adiante, Bakhtin diz:

(...) o riso, menos do que qualquer outra coisa, jamais poderia ser um instrumento de opressão embrutecimento do povo. Ninguém conseguiu jamais torná-lo

inteiramente oficial. Ele permaneceu sempre uma arma de liberação nas mãos do povo (BAKHTIN, 2010, p.81).

É também importante ressaltar, do livro de Bakhtin, o tom sério exclusivo que caracterizava a cultura medieval oficial. Isso quer dizer que o riso estava restringido para fora do que era ideologia e das formas vigorosas da vida e do comércio humano. O sério ideológico se concentrava no ascetismo, na crença em uma sinistra providência, no papel dominante desempenhados por categorias como o pecado, a redenção, o sofrimento e o próprio caráter do regime feudal consagrado por essa ideologia. O sério era uma forma de expressar a verdade do bem e tudo o que era importante e considerável.

O povo, nessa época, estava longe do riso não oficial, sendo que desconfiava de tudo o que era sério. Ele tinha o hábito de estabelecer parentesco entre a verdade, a liberdade livre e sem véus, e o riso.

Ainda segundo o livro, foi importante para a época da Idade Média a sensação histórica. O fato de as pessoas destruírem e renovarem o poder dirigente que se estabelecia na relação capital com o tempo fez triunfar o retorno de tempos melhores, da abundância universal e da justiça. Assim, essa consciência foi expressa mais radicalmente por meio do riso.

As festas populares estavam de acordo com essa nova sensação histórica, já que havia disfarces e mistificações até nas formas carnavalescas mais complexas, sua expressão maior. De fato, houve uma mobilização das formas elaboradas ao longo dos séculos:

adeuses alegres no inverno, ao jejum, ao ano velho, à morte, acolhimento alegre da primavera, dos dias de abundância, de matança das reses, das núpcias, do ano novo etc., isto é, todas as imagens da alternância e da renovação do crescimento da abundância, que resistiram aos séculos (BAKHTIN, 2010, p.86).

Retomando a ideia do grotesco, destaca-se o processo de degradação do cotidiano durante o século XVII, pois perdeu-se muito o colorido histórico e o princípio material e corporal rebaixou-se a um domínio inferior.

Tudo se passa a partir da difusão das ideias de Descartes e a estética do Classicismo. Além disso, a monarquia absoluta dá uma nova estabilidade e propõe uma visão progressista para a época. Foi nesse momento que as tendências à estabilidade e à completude dos costumes, ao caráter sério e unilateral das imagens predominariam. Dessa forma, a ambivalência do grotesco tornou-se inadmissível.

No entanto, o grotesco sobrevive tantos nos gêneros canônicos inferiores (comédia, sátira, fábula) como nos gêneros não-canônicos (o romance, a forma particular do diálogo de costumes, os gêneros burlescos). No teatro popular, ele teve um caráter oposicionista, permanecendo em maior ou menor grau, nos limites

da cultura oficial. É por essa razão que o riso e o grotesco veem a sua natureza degradar-se.

Sob o aspecto histórico, é preciso separar o sério trágico do sério dogmático presente na Idade Média. O sério trágico pertence à cultura antiga, mais precisamente na tragédia grega. Sua característica é ser universalista, pois fala-se numa concepção trágica do mundo, e está impregnado pela ideia da morte justificável. Ela não excluía, na cultura antiga, o aspecto cômico do mundo; pelo contrário, coexistiam. O sério trágico não temia em absoluto o riso e a paródia, e exigia, portanto, um corretivo e um complemento cômico. Já o sério dogmático aniquila na mesma proporção a verdadeira tragédia e o verdadeiro riso ambivalente. Dessa forma, pode-se dizer que não existia, no mundo antigo, oposição entre as culturas oficial e popular tão nítida como na Idade Média.

Febvre, um importante historiador francês, julga que:

o riso é sempre o mesmo em todas as épocas, e que a brincadeira nunca foi mais do que uma brincadeira. É por essa razão que ele aplica sua sutil análise histórica às partes sérias da obra de Rabelais (mais precisamente àquelas que lhe parecem como tais), e deixa de lado o riso, elemento não-histórico e imutável (BAKHTIN, 2010, p. 114).

Bakhtin, no entanto, contradiz as ideias de Febvre. Ele diz que:

na literatura mundial do passado, há muito riso e ironia (umas das formas do riso reduzido) do que nosso ouvido é capaz de ouvir e de captar. A literatura (incluindo a retórica) de certas épocas (helenismo, Idade Média) está literalmente saturada de formas variadas de riso reduzido, sendo que algumas mesmo cessaram de ser percebidas por nós. Perdemos frequentemente o sentido da paródia. É certo que devemos reler muitas obras da literatura mundial do passado, para ouvi-las novamente em outro registro. Mas para isso é preciso antes de mais nada compreender a natureza particular do riso popular, seu valor de concepção do mundo, seu universalismo, sua ambivalência, sua relação com a época etc., isto é, tudo aquilo que o riso dos nossos dias quase completamente perdeu (BAKHTIN, 2010, p. 116).

Em outro capítulo, Bakhtin fala que a “projeção de excrementos e a rega por urina são gestos tradicionais de rebaixamento” (BAKHTIN, 2010, p.127) e estão presentes não só no realismo grotesco de François Rabelais (1494-1553), autor de Gargantua e Pantagrue, que explorou lendas populares, farsas, obras clássicas e romances – como também da Antiguidade. Isso se deve à sua significação, que é compreendida por todos.

“O grotesco amarra num mesmo nó indissolúvel *a vida, a morte, o nascimento, as necessidades, o alimento, é o centro da topografia corporal onde o alto e o baixo são permutáveis*” (BAKHTIN, 2010, p.141).

Assim como na obra de Rabelais, de acordo com Bakhtin, não há “‘naturalismo grosseiro’, nem ‘atitude fisiológica’, nem pornografia” (BAKHTIN, 2010, p. 195). Para

compreender melhor, é preciso lê-los com os olhos dos seus contemporâneos e contra o fundo da tradição milenar que eles representam.

Outro paralelo em que Bakhtin cita sobre o grotesco em Rabelais é o sentimento de insatisfação vem a ser a imagem impossível e inverossímil:

não se pode imaginar que uma mulher seja fecundada pela sombra de um campanário de abadia etc. E é essa impossibilidade, essa incapacidade de imaginar que cria um vivo sentimento de insatisfação: primeiro, reconhecemos nessa imagem exagerada a depravação e a imoralidade efetivas que reinam nos mortuários, isto é, recolocamos essa imagem exagerada na realidade; em segundo lugar, experimentamos uma satisfação moral, pois essa imoralidade e essa depravação são fustigadas por meio da caricatura e da ridicularização (BAKHTIN, 2010, p. 267).

Assim, um dos traços da comédia para Schneegans é o exagero do negativo (o que não deveria ser). Quando se estende até os limites do impossível e do monstruoso, ele se torna propriedade do cômico grotesco. Como resultado, este último é sempre satírico:

Quando não há intenções satíricas, não existe grotesco, Schneegans faz decorrer dessa definição todas as propriedades particulares das imagens de Rabelais e do seu estilo verbal: exagero e superabundância, propensão a sempre extrapolar os limites, enumerações de inconcebível extensão, acumulação de sinônimos etc. (BAKHTIN, 2010, p. 267).

2 | ASPECTOS FILOSÓFICOS

Já lançando mão de filósofos como Jean Paul Sartre, Henri Bergson, Arthur Schopenhauer, Immanuel Kant e o acadêmico estruturalista Vladimir Propp, quer-se identificar algum mecanismo que sonda o riso no ser humano, valendo-se, dessa forma, do uso da imaginação e conseqüente lógica para a interpretação do cômico, que serão explicados mais à frente. Como afirma Sartre em *O ser e o nada*. “Na lógica, os pensamentos são captados de tal modo que não tem outro conteúdo senão o do pensamento puro, por este engendrado” (SARTRE, 2013, p. 53). É dessa maneira que o cérebro trabalha ao interpretar qualquer coisa da realidade e, à medida em que se utiliza cada vez mais de lógica, mais se afasta daquela. Portanto, ao interpretar, o ser humano imagina e acaba negando sua existência real, física, por um concentrado lógico que se localiza no cérebro do pensante. É neste lugar que agora está todo o trabalho maquinal para se dar luz da existência à parte da realidade.

‘Cada um dos termos inferiores depende do termo superior, tal como o abstrato depende do concreto que lhe é necessário para realizá-lo’. O verdadeiro concreto, para Hegel, é o Existente, com sua essência; é a Totalidade produzida pela integração sintética de todos os momentos abstratos que nele são transcendidos,

a exigir seu complemento. Nesse sentido, o Ser será abstração mais abstrata e mais pobre; se o considerarmos em si mesmo, quer dizer, suprimindo-lhe seu transcender para a Essência. (SARTRE, 2013, p.53).

Com isso, chega-se ao termo “Essência” de Sartre. Mas por este conjugado de ideias e teorias, quer-se entender que essência se caracteriza nada mais como a ausência de delimitação do ser ao interpretar, agora dotado de raciocínio lógico, e que se distancia da realidade. Para Bergson, a insensibilidade acompanha o riso, ou seja, a indiferença é o ambiente natural do cômico e o mais inimigo deste é a emoção. Vale lembrar que Sartre também fala que o ser, agora “cindido da Essência que é o seu fundamento, torna-se simples imediação vazia” (SARTRE, 2013, p.54). Mais para frente, ele classifica o seguinte: “se o começo da lógica há de ser imediato, encontraremos então esse começo no Ser, que é a ‘indeterminação que precede toda determinação, o indeterminado como ponto de partida absoluto’” (SARTRE, 2013, p. 54).

Em outras palavras, Schopenhauer resume de um outro modo esse pensamento, porém de uma maneira menos física:

Rimo-nos também, muitas vezes, quando descobrimos de repente uma discordância notável entre um objeto real único e o *conceito* no qual ele foi subsumido com razão, mas num único ponto de vista. Quanto mais forte é a subsunção de tais realidade no conceito em questão, tanto mais além disso, o seu contraste com ele será considerável e claramente distinto, e por outro lado, mais poderoso será o efeito ridículo que brotará desta oposição (SCHOPENHAUER, 2004, p. 68).

Nessa mesma linha de raciocínio, Bergson afirma que “a comicidade exige enfim algo como uma anestesia momentânea do coração. Ela se destina à inteligência pura” (BERGSON, 2007, p.4). De fato, à medida que o pensamento se afasta da realidade por ter se tornado desígnios lógicos dentro da mente, ele entra num campo de abstração difícil de ser mesurado.

Ainda, “o riso produz-se, pois, sempre na sequência de uma subsunção paradoxal, e, por consequência, inesperada, quer se exprima por palavras ou por ação. Eis, em resumo, a verdadeira teoria do riso” (SCHOPENHAUER, 2004, p. 68).

Há, no entanto, que se ressaltar o fato de Propp discordar desse paradoxo pois a falta de correspondência dos conceitos às representações que deles fazemos nem sempre é cômica:

quando, por exemplo, um cientista realiza uma descoberta que muda completamente a ideia que tem de seu objetivo de estudos, quando ele se dá conta do erro em que incorrera até então, a descoberta desse equívoco (a ‘falta de correspondência entre o mundo à nossa volta e os conceitos que temos dele’) localiza-se de fora do domínio do cômico. (PROPP, 1992, p.119).

Para resolver essa questão, é preciso distinguir que nem toda lógica é

engraçada. É extremamente simples assumir que, partindo da realidade, um conceito é um concentrado de lógica que entra para a cognição humana e se transforma numa representação. Mais uma vez, volta-se ao ponto de partida e atesta-se que o pensamento imediato de interpretação é o principal motor para o riso, sendo, então, chamado de uma imaginação.

Esta imaginação é trabalhada aqui com duplicidade de caráter tanto para a Arte como para a comédia. Para tanto, é necessário recorrer a Kant, em *Crítica da faculdade do juízo*, em que ele fala por todo o livro sobre a Estética e o “juízo de gosto”, que também inclui a apreensão do cômico.

Em linhas gerais, para se definir o objeto de contemplação:

Porém, aquele elemento subjetivo numa representação *que não pode de modo nenhum ser uma parte do conhecimento* é o *prazer* ou *desprazer*, ligados àquela representação; na verdade através dele nada começo no objeto da representação, ainda que eles possam ser até o efeito de um conhecimento qualquer (KANT, 1993, p. 33).

No trecho em que fala sobre o riso, Kant cita a figura de um ingênuo que, sem querer, comete muitas travessuras mas não tem culpa de nada. De fato, ingênuo não é inocente. O fato de vermos de fora para dentro dele suas incautas decisões não nos diz nada sobre o tamanho mal que pode causar às pessoas a sua volta. Kant diz que lhe falta dissimulação ao mesmo tempo que compara com a Arte por não estar despida da mesma forma. Ele ressalva mais à frente que ambos, tanto Arte quanto riso, nos apraz, pois estão ligados à imaginação do observador, não sendo o riso minorado, como expõe. Ele justifica que a aparência de ingênuo é risível, pois converte-se em nada nos olhos do espectador, graças ao nosso “próprio desacerto em relação ao objeto” (KANT, 1993, p.178). É necessário, então, recorrer ao raciocínio de que um objeto ao ser entendido e apreendido pelo espectador, gera lógica abstrata afastando-se do real. Ao se converter totalmente em lógica, o nada – a anulação da realidade ou de nós mesmos, de acordo com Schopenhauer – trata-se de um absurdo que não podemos ver e até imaginar. O vazio nos causa riso, pois é um absurdo. Como diria Kant: “o riso é um afeto resultante da súbita transformação de uma tensa expectativa em nada” (KANT, 1993, p.177). Propp cita vários casos, por exemplo, no capítulo 6, “A natureza física do homem”, em que um indivíduo gordo é de fato risível para muitos, mas não porque se trata de um defeito físico como ele nos afirma, mas porque logicamente é inadequado e desequilibrado para a estética no imaginário humano. Pode-se pôr do outro lado da balança as ideias de Bergson, dessa forma, em que diz que se ri daquilo que é inerente aos humanos – inclusive o defeito. Mas em muitos casos, isto se transforma num modo de sofrimento (para o gordo, por exemplo, que não consegue andar), nos levando à ideia de beleza dos arranjos e temas que contemplam a vida humana e, do riso, passa-se para a fantasia

e consequente análise do ponto de vista da Arte por suas mazelas. Assim, o cômico tem seu princípio para chegar até o ponto extremo dos problemas humanos vistos, então, pela Arte. Mas eis a delicadeza das afirmações: o riso só está conectado à Arte porque ele tem uma tarefa menor de interpretação da realidade e, com lógica e sentido, categorizados pelas pessoas ao analisar determinado assunto, o riso leva à acepção de Arte quando vistas em momentos separados: o do indivíduo, que se esmiúça em lógica ligante de interpretação e, em outro momento, o da análise da natureza como um todo através da Arte.

Deve-se recorrer ainda, sob os mesmos desígnios da natureza humana, a ideia de desencanto ante a fantasia, característica do riso. No capítulo 4, “O cômico na natureza”, Propp cita um exemplo: “Se de repente um cão enorme e forte se põe a fugir de um gato pequeno e valente, que se volta contra ele por estar sendo perseguido, isto provoca o riso porque lembra uma situação possível também entre os homens” (PROPP, 1992, p.38).

O fato de se esperar uma coisa e se ver outra gera riso. Do mesmo modo, “um móvel absurdo, chapéus ou roupas insólitas podem suscitar o riso” (PROPP, 1992, p. 38). Mais uma vez é um desacerto em relação ao objeto como já se disse em Kant, se afastando do real e do esperado. Com isso, surge a ideia do ridículo e da inadequação próprios da figura do palhaço que tem em exagero suas características particulares. A falta de equilíbrio é um fator de riso.

O exagero é cômico apenas quando desnuda um defeito. Se este não existe, o exagero já não se enquadra no domínio da comicidade. É possível demonstrá-lo através do exagero das três formas fundamentais de exagero: a caricatura, a hipérbole e o grotesco” (PROPP, 1992, p.88).

Propp também revela o grotesco como artifício do cômico:

O grotesco é cômico quando, como tudo que é cômico, encobre o princípio espiritual e revela os defeitos. Ele se torna terrível quando o princípio espiritual se anula nos homens. É por isso que podem ser terrivelmente cômicas as representações de loucos (PROPP, 1992, p.92).

Retomando a ideia de absurdo e vazio ditas linhas atrás, pode-se inferir da ideia de Propp o fato de duas pessoas parecidas ser um fenômeno engraçado, mas, se forem gêmeas, não. Isso se deve ao fato de que absurdos podem acontecer e ativar nossa imaginação para momentos mágicos e belos como se expõe através da Arte. Mais uma conexão entre os dois temas, que se conectam pelo ser humano ser muito humilde na lógica ligante de interpretação para rir de coisas bobas. Isto é, o sofrimento é um dínamo para o riso, pois como afirma Propp: “O naufrágio de iniciativas grandes ou heroicas não é cômico, mas trágico. Será cômico em revés nas coisas miúdas do dia-a-dia dos homens, provocado por circunstância igualmente

banais” (PROPP, 1992, p.94). Trata-se da humildade humana ante à beleza e à grandiosidade, que a lógica pode chegar às proporções da Arte. De fato, burrice (p.107, capítulo 16, do livro de Propp) é um tema grave e gera sofrimento, mas se vimos uma pessoa burra no dia-a-dia, isso se torna risível. É provavelmente por causa do encurtamento do entendimento, que o ser humano trabalha logicamente ao interpretar o mundo, de tal maneira que se torna um absurdo uma pessoa não entender uma coisa simples. “Ao lado do fracasso daquilo que se deseja por causas externas ou internas, há casos em que o fracasso se deve à falta de inteligência. A estultice, a incapacidade mais elementar de observar corretamente, de ligar causas e efeitos, desperta o riso” (PROPP, 1992, p.107).

Sobre a capacidade de imaginar, Kant em seu livro *A crítica da faculdade do juízo* delimita as fronteiras da Arte e faz uma distinção do sublime: “Denominamos sublime o que é absolutamente grande” (KANT, 1993, p. 93). Quer-se conectar a ideia do sublime à essência e conseqüente ideia de inadequação do ser humano quando este revela o aspecto cômico da vida.

pois o verdadeiro sublime não pode estar contido em nenhuma forma sensível, mas concerne somente a ideias da razão, que, embora não possibilitem nenhuma representação adequada a elas, são avivadas e evocadas ao ânimo precisamente por essa inadequação, que se deixa apresentar sensivelmente (KANT, 1993, p.91).

Para comprovar o nível abstrato quando se chega de tanto imaginar até o ponto de encontrar o vazio de alguma acepção, Kant ainda diz: “Na composição que é requerida para a representação de grandeza, a faculdade da imaginação avança por si, sem qualquer impeditivo até o infinito” (KANT, 1993, p.99).

3 | CONCLUSÕES DOS ASPECTOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS

Em linhas gerais, após cercar alguns elementos históricos do riso, é necessário apoiarem-se as razões para se rir. Para tanto, pode-se dizer que a essência cindida de realidade trabalha em meio ao absurdo por estar ausente aspectos físicos da matéria do que se pensa. Este absurdo chega a tal ponto de se contemplar o vazio, revelando sofrimento da parte de quem imagina por se encontrar nulo, inadequado, ridículo e desencantado. A Arte tem a função de pegar pedaços da natureza do ser humano e reuni-las, o que é belo. Porém, o cômico reúne num único fio toda a interpretação do objeto de uma forma encurtada e humilde, tal como na figura de um palhaço. Portanto, o cômico pode ser sublime, mas não belo nos termos kantianos, pois ao retratar as mazelas do ser humano e seu conseqüente sofrimento, muito pode ser desprezível sob a ótica da contemplação do que julgamos ser esteticamente aprazível.

REFERÊNCIAS

ARÊAS, Vilma. **Iniciação à comédia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BERGSON, Henri. **O Riso, ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do Juízo**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2012.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acesso à informação 346, 347

Alunos 7, 10, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 25, 28, 29, 31, 34, 35, 36, 37, 39, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 56, 61, 85, 119, 121, 125, 126, 127, 190, 192, 198

Análise 2, 4, 13, 15, 21, 25, 26, 32, 39, 44, 45, 65, 66, 67, 71, 72, 78, 79, 80, 88, 110, 114, 117, 123, 124, 127, 132, 135, 143, 146, 147, 149, 152, 155, 156, 158, 162, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 195, 199, 200, 208, 216, 218, 219, 220, 221, 227, 230, 237, 241, 242, 243, 247, 248, 249, 251, 252, 255, 256, 262, 269, 270, 285, 298, 314, 315, 323, 324, 326, 331, 335, 359

Análisis Social y Económico 284

Aprendizado baseado em vizinhança 83

Aprendizado de máquina 83, 84, 92, 93

Apropriação da informação 346, 348, 352, 358

Avaliação de desempenho 62, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 79, 80, 81, 246

Azeredo coutinho 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144

B

Barcarena (PA) 196, 197

Belém 171, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 190, 193, 194, 195, 196, 197, 208

Brasil 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 23, 26, 27, 32, 37, 40, 55, 61, 62, 63, 64, 78, 80, 82, 100, 104, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 152, 156, 162, 165, 169, 170, 171, 172, 173, 178, 179, 181, 182, 183, 188, 189, 195, 197, 199, 200, 201, 207, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 220, 221, 225, 231, 232, 233, 234, 235, 245, 246, 247, 256, 257, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 273, 274, 277, 278, 282, 298, 300, 307, 311, 317, 318, 338, 345

Brasil-colônia 133, 134, 137, 143

C

Características empreendedoras 28, 29, 34, 36, 39, 247, 251, 253, 254, 255, 256, 257

Casa Ronald McDonald Belém 184, 185

Centro histórico 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 158, 160, 164, 165, 166, 167, 168, 170

Centro histórico de aracaju 146, 152, 156

Cidade i-mobilizada 271

Ciência 3, 10, 41, 45, 46, 52, 54, 73, 80, 83, 135, 147, 148, 165, 170, 176, 195, 224, 235, 251, 260, 261, 262, 265, 278, 309, 318, 331, 346, 350, 353, 358, 359

Comitês de máquinas 83

Comportamento empreendedor 74, 234, 247, 249, 250, 251, 252, 255, 257

Contornamento territorial 271, 272, 273, 276, 279

Crime organizado 314, 316, 317, 318, 323

D

Demanda de pasajeros 284

Desenvolvimento econômico 40, 63, 65, 74, 164, 224, 231, 234, 236, 238, 247, 249, 251, 252, 263, 265, 266

Diagrama de malla 284, 289, 290

Direitos culturais 209, 213, 214, 219

E

Economia criativa 222, 223, 231, 232, 234, 235

Educação ambiental 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 206

Elementos do espaço 146, 148, 158, 160, 162, 168

Empreendedorismo 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 62, 63, 65, 66, 74, 81, 205, 206, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 237, 243, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 255, 256, 257, 258

Empreender 28, 29, 31, 35, 36, 39, 40, 98, 227, 228, 234, 235, 248, 250

Empresas incubadas 62, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 237, 238, 240, 241, 243, 245

Espaço geográfico 146, 148, 149, 151, 158, 159, 160, 161, 162, 167

Espaço turístico 146, 147, 158, 160, 161, 162, 164, 168, 169

Estación intermodal 284

Estética do ruído 325, 326, 327, 329

Estudos econômicos 133, 135, 137, 138

Extensão 9, 54, 55, 56, 58, 61, 88, 111, 142, 186, 190, 194

F

Família do norte 314, 315, 317, 318, 322, 323

Fatores críticos de sucesso 237, 239, 240, 241, 242, 243, 246

Formação de professores 1, 15

G

Gestão pública 171, 173, 182, 183, 192, 199, 203, 205, 206, 314

I

Incubadora 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 78, 79, 80, 82, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 257

Indústria criativa 222, 223, 230, 231, 234

Inovação 11, 14, 30, 65, 68, 69, 72, 74, 76, 77, 80, 81, 94, 95, 98, 103, 117, 119, 126, 149, 154, 222, 223, 224, 225, 229, 230, 232, 235, 238, 242, 243, 244, 246, 248, 250, 256, 257, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270

Inteligência 77, 84, 92, 93, 95, 102, 112, 115, 118, 122, 131, 314

Interdisciplinaridade 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 51

J

Jogos digitais 333, 334, 338

L

Lazer 152, 169, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 194, 195, 202, 203, 272

Leitura literária 346, 348

Lo-fi 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331

M

Mediação da informação 346, 350, 351, 352, 353, 354, 356, 358, 359

Mídia 55, 56, 156, 174, 222, 230, 256, 280, 296, 297, 298, 299, 301, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 316, 333, 335, 357

Mídia social 314, 316

Modelo de fluxos múltiplos 171, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 183, 208

Mototáxi 271, 277, 278, 279, 280, 282

N

Narrativa 153, 282, 333, 334, 335, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344

O

Operação lava jato 296, 297, 298, 299, 301, 307, 308, 309, 311, 313

P

Parques tecnológicos 259, 260, 261, 262, 263, 266, 267, 268, 269, 270

Penedo 158, 159, 160, 164, 165, 166, 168, 169, 170

Perda 32, 89, 90, 218, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 342, 343, 344

Planejamento 6, 13, 21, 29, 31, 35, 43, 44, 51, 71, 74, 76, 77, 100, 119, 120, 150, 160, 163, 165, 169, 170, 171, 176, 177, 179, 182, 183, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 234, 239, 243, 245, 248, 252, 303

Planejamento municipal 196, 203

Política 1, 4, 6, 8, 9, 13, 14, 15, 26, 129, 134, 135, 136, 141, 145, 146, 153, 158, 160, 164, 166, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 183, 195, 198, 199, 200, 207, 208, 213, 214, 220, 269, 273, 283, 294, 296, 297, 298, 300, 301, 306, 308, 309, 310, 311, 312, 317, 342, 351, 359

Política pública de turismo 171, 172, 176, 181, 183, 200, 208

Povos indígenas 26, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 219, 220, 221

Produção de signos 325, 326, 327, 329, 331

Produção independente 325

R

Rádio 54, 55, 56, 61, 215, 300, 329, 331, 351

Redes sociais 54, 55, 56, 60, 61, 314, 316, 317, 318, 322, 324, 327, 328, 347

Rio grande do sul 237, 238, 239, 241, 247, 257

S

Sacrifício 143, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 340, 341, 342, 343, 344

São paulo 14, 27, 40, 61, 80, 81, 82, 104, 105, 116, 137, 144, 145, 156, 157, 167, 169, 170, 182, 183, 194, 195, 207, 208, 212, 216, 220, 235, 236, 246, 256, 257, 259, 261, 267, 270, 283, 300, 301, 313, 323, 324, 331, 333, 344, 345, 358, 359

Semiótica 333, 334, 336, 345, 358

Sistema ferroviário 284

Sistema nacional de inovação 259, 263, 264, 265, 266, 268, 269, 270

Sistemas tutores inteligentes 83, 85

Suicídio 209, 210, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221

Sustentabilidade 1, 2, 3, 4, 6, 7, 12, 14, 64, 119, 120, 122, 127, 170, 177, 195, 205, 206, 207, 208, 229, 244, 257, 310

T

Texto literário 346, 347, 354, 355, 356, 357

Tratamento oncológico 184, 186, 187, 190, 192, 193, 194

Turismo 146, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 231

Turismo cultural 146, 148, 155, 156, 165, 167, 168, 169, 190

Turismo de saúde 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 193, 194, 195

